

## MARXISMO NEGRO: PENSAMENTO DESCOLONIZADOR DO CARIBE ANGLÓFONO

PICO, Daniel Montañez. Tradução de Eveline da Silva. 1.ª ed. São Paulo, Dandara Editora e Fundação Lauro Campos e Marielle Franco, 2024, 390 p.

Recebido em 21/10/2024

Aprovado em 22/11/2024

DOI: 10.69585/2595-6892.2024.1206

### **Marxismos negros: a contribuição do Caribe para o marxismo e para a história do pensamento econômico**

Contemporaneamente, o racismo tem sido tratado no debate público, em geral, e no debate acadêmico, em particular, cada vez mais como um elemento estrutural do modo de produção capitalista. Desde o século XIX, se acham elementos na obra marxiana para uma crítica do racismo na sociedade moderna e sua conexão com a geração de mais-valor e suas funcionalidades para o modo de produção capitalista. Os marxistas, a partir do século XIX, têm atualizado esta discussão, aberta com os escritos de Marx sobre o processo histórico de colonização e escravidão negra e indígena (uma das bases angulares da acumulação “permanente” de capital); sobre a guerra civil estadunidense; sobre o racismo inglês diante de trabalhadores irlandeses; sobre o racismo britânico contra indianos e chineses etc. Atualmente, aos marxistas têm recaído, por exemplo, a interpretação crítica do racismo a partir dos movimentos migratórios do Sul Global para os países do Norte Global, motivado por xenofobia.

O racismo tem deixado de ser explicado apenas como uma manifestação superestrutural da segregação de certos grupos humanos por fatores culturais, religiosos, linguísticos e geográficos para ser lido enquanto um instrumento necessário e organizador do capitalismo moderno, pois define I) posições específicas dos trabalhadores na divisão internacional do

### **JAIME LEÓN**

Professor do Instituto de Economia da UFRJ. Coordenador do Grupo de Trabalho Economia Política das Relações Raciais da SEP. Membro do Grupo de Trabalho de História do Pensamento Econômico da SEP.

Email: [jaimel Leon@ie.ufrj.br](mailto:jaimel Leon@ie.ufrj.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8400-2801>

trabalho através da classificação por raça, gênero e classe; II) a exploração da força de trabalho destes grupos oprimidos de forma intensificada e III) a cristalização, dentro da classe trabalhadora, da competição por postos de trabalho diferenciados.

Como exemplos deste debate, cito toda discussão sobre racismo e sobre a necessidade de descolonização que tem sido feita, por exemplo, pelo movimento *Black lives matter* nos EUA (especialmente após o assassinato, pela polícia, de George Floyd) e no Brasil pela Coalização Negra por Direitos e pelo Movimento Negro Unificado contra o genocídio do povo negro brasileiro. Já no âmbito acadêmico, pode-se citar as contribuições da teoria decolonial, do “colonialismo interno” e do feminismo negro. É de destacar o fato de que, muitas vezes, nestes debates, o político e o acadêmico andam de mãos dadas.

Todavia, o que um autor espanhol e de “pele clara” (como o próprio se define) poderia aportar ao debate sobre racismo e a leitura crítica que o marxismo caribenho faz dele? Sanar esta indagação e deixar um convite de leitura é a tarefa que me propus ao resenhar o livro do antropólogo madrileno.

O autor nos brinda com uma profunda crítica do marxismo a partir das contribuições de alguns autores e autoras marxistas negros de diversas áreas do conhecimento do século XX originários de países do Caribe que passaram, e passam, pela colonização britânica. Todos autores selecionados por Pico leram o capitalismo a partir da unidade indissociável entre raça e classe e, em alguns casos, fizeram uma leitura de como o capitalismo moderno é patriarcal.

É de se pensar no âmbito da *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política* o quanto nós, economistas e simpatizantes que nos rotulamos progressistas, sabemos e discutimos sobre autores como Oliver Cox, George Padmore, C. L. R. James, Eric Williams, Lloyd Best, Walter Rodney, Stuart Hall, Rhoda Reddock, todos trabalhados no livro em análise. Me arrisco a responder pela categoria de forma generalizante: muito pouco ou quase nada! E qual a razão deste desconhecimento? Pico nos provoca e convida

a refletir ao afirmar que é por conta da colonialidade do poder e do saber. Para ele, sabemos pouco sobre tais autores porque existe uma ideologia que nos obstaculiza a fazer qualquer análise da questão racial; porque há a tendência à subsunção da temática racial na temática étnica e/ou nacional que nos impede de interpretar as experiências do Sul Global e porque há a negação da universalidade de experiências particulares de seus habitantes na forma de teorias próprias, as quais acabam rotuladas como “exóticas” e “excepcionais” e, ao se identificar qualquer fragilidade nestas teorias, são rejeitadas em sua totalidade.

Ora, o que o autor está a nos dizer é que o racismo, além de estrutural, é epistêmico. Para o autor, os negros, quando estudados, o são enquanto objeto de análise e não enquanto sujeitos históricos. Posso ampliar a provocação e indagar: nas ciências econômicas, quantos autores negros e, mais especificamente, quantos autores que pensam a questão racial usamos para pensar nossas disciplinas que versam sobre a dinâmica capitalista? Se o racismo é estrutural e funcional à dinâmica capitalista, por que nossos cursos não são atravessados pela preocupação de debater o tema? Por que estas discussões, quando são feitas, são enclausuradas em cursos eletivos de um ou outro professor somente?

Pico elucida sua provocação ao expor que as contribuições dos marxismos negros foram muitas vezes antecessoras de correntes teóricas que estão hoje em voga na academia, como a do sistema-mundo (influenciada por Wallerstein) e a teoria decolonial (influenciada por Quijando, Mignolo e Grosfoguel), e conversam e complementam outras correntes como as teses dependentistas (sabemos como Celso Furtado e Fernando Novais citam Eric Williams, por exemplo, para pensar a concorrência holandesa nas Antilhas no século XVII com a produção de açúcar) e feministas (as teses da sociedade patriarcal atravessada por opressão de raça e classe de Rhoda Reddock são complementares, por exemplo, às de autoras que são referências do feminismo marxista negro, tais como Lélia González e Angela Davis).

Elencar a contribuição destes autores não eximiu o autor de apresentar críticas às obras e às opções políticas deles ao longo da vida. Porém, segundo o autor, muito embora alguns destes autores optaram por se afastar da alcunha de marxistas, foram enquadrados no livro enquanto autores dos “marxismos negros” por sua crítica e leitura radical ao modo de produção capitalista e por conta do método de análise.

Pretendo anunciar as discussões presentes no livro. Após a introdução, o livro começa, no capítulo um, com o ponto de partida dos marxismos negros: a ideia de que o modo de produção capitalista é um sistema global. A análise de Oliver Cox, autor trinitino, é fundamental, pois dá centralidade à análise do comércio exterior enquanto pedra angular do controle da riqueza das nações. Para Cox o capitalismo é um sistema mundial, histórico e racista. Como mostra Pico, Oliver Cox é o “pai fundador” da teoria do sistema-mundo, tendo sido assim reverenciado por ninguém menos do que Immanuel Wallerstein. Em seguida, no capítulo dois, o autor aporta as contribuições de outros dois autores trinitinos, George Padmore e C.L.R. James, sobre o imperialismo, o potencial do internacionalismo operário negro, a conexão entre imperialismo e fascismo, o pan-africanismo socialista, a apresentação de autores anti-imperialistas, a importância de um marxismo independente e da cultura popular.

No capítulo três, é trabalhada a noção de escravidão a partir da obra de Eric Williams, outro autor trinitino, que debateu as teses oficiais da historiografia oficial britânica sobre o fim da escravidão por conta de uma suposta tarefa civilizatória e moral dos ingleses e a importância da escravidão para a revolução industrial inglesa de dentro da Inglaterra. Nesta parte, Pico mostra os estudos para conhecer e transformar o Caribe empreendidos pelo autor e político trinitino. Já no capítulo quatro, o livro arrola as ponderações de Lloyd Best, autor trinitino, e George Beckford, autor jamaicano, sobre a categoria *plantation* e a importância e especificidade desta categoria no contexto do Caribe anglófono para o desenvolvimento do capitalismo contemporâneo.

No capítulo cinco o livro examina as interpretações da noção de raça presentes no autor guianense Walter Rodney e no autor jamaicano Stuart Hall, no âmbito do debate que realizam sob a influência dos movimentos rastafári, Black Power e dos marxismos do Sul Global sobre racismo e o poder negro e racismo e estudos culturais. No capítulo seis, destaca o autor a contribuição do feminismo marxista negro caribenho por parte de Rhoda Reddock, autora de São Vicente e Granadinas, que pensa a conexão entre mulher, raça e classe no Caribe.

O livro termina com as teses conclusivas divididas em quatro categorias: teses teóricas, teses históricas, teses políticas e tese propositiva. Entre as teses teóricas: I) o capitalismo é um sistema que articula raça e classe; II) o capitalismo merece uma visão global, pois é articulado em torno do mercado mundial racializado; assim, a origem desta denúncia importa (sendo relevante que a crítica venha do Sul Global); III) o capitalismo é um sistema recortado pela intersecção entre raça, gênero e classe.

Entre as teses históricas: IV) a experiência militante articulada com atuação acadêmica de cada um dos autores selecionados conta, mesmo que cada qual tenha tais experiências desenvolvidas em graus diferentes; V) o debate sobre descolonização esteve presente em todos os autores selecionados, fosse descolonização política formal, fosse descolonização epistemológica; VI) os marxismos negros constituíram uma rede intelectual importante que agitou e fomentou a atuação política negra ao longo do século XX, muito embora o movimento tenha esfriado com a chegada do neoliberalismo.

Entre as teses políticas se destacam: VII) os marxismos negros se articularam, na primeira metade do século passado, principalmente em torno do pan-africanismo, desenvolvido por marxistas negros caribenhos e africanos na década de 1930 na Inglaterra para pensar a independência da África e do Caribe; VIII) na segunda metade do século passado se articularam em torno do *Black Power*; IX) o feminismo foi importante em todas as fases dos marxismos negros do Caribe. Por fim, como tese propositiva, Pico declara

que X) os marxismos negros devem ser mais profundamente estudados e ensinados nas universidades através do que chama de transversalização do conhecimento. Os marxismos negros devem ser pesquisados em todas as áreas do saber.

Como uma crítica cabível ao livro, aponto um escopo limitado desta tese propositiva, que penso estar atrelada ao próprio escopo limitado da análise dos marxismos negros, reduzido ao Caribe anglófono. E a realizo com argumentos do próprio autor. Este aponta como o conjunto de autores por ele selecionados teve atuação e circulação tanto política como acadêmica. É verdade que os marxismos negros devem ser pesquisados de forma transversal nas universidades, mas é importante que os marxismos negros sejam lidos e difundidos dentro dos próprios movimentos sociais contemporâneos, os quais nunca abandonaram seus teóricos fundadores e ganhariam muito com uma leitura sistemática de experiências que ultrapassam o Caribe anglófono para encorpar suas lutas políticas.

Fundamento a crítica citando dois expoentes do pensamento socioeconômico brasileiro que poderiam muito bem ser incluídos como propositores dos marxismos negros (mesmo que não anglófonos): Lélia González e Clóvis Moura. Ambos têm sido revisitados pela academia recentemente, apesar de nunca terem sido esquecidos pelo movimento negro organizado brasileiro, o qual ajudaram a formar. Em primeiro lugar é importante destacar que ambos foram marxistas, pelo método de análise teórica e pela intervenção política, mobilizando uma crítica radical à dinâmica da vida socioeconômica no Brasil. E marxistas negros, em segundo lugar, com contribuições originais para pensar a sociedade classista, racista e patriarcal brasileira, construindo categorias e um arcabouço teórico próprios, tais como “quilombagem”, “neurose cultural brasileira”, “racismo de denegação”, “pretuguês” etc. Se é verdade que têm sido revisitados na academia, sem ter sido esquecidos nos movimentos sociais negros, ainda é parco o debate político e acadêmico que consiga articular suas contribuições com as do Caribe

anglófono. Mas esta crítica, na verdade, é um pedido para os pesquisadores da área prosseguirem o esforço gigantesco feito por Daniel Montañez Pico.

Por último, destaco a relevância do trabalho da Dandara Editora, a qual traduziu o livro, sob coordenação do professor Fábio Nogueira, e vem se esforçando em publicizar obras que discutem radicalmente a questão das relações raciais e do racismo no Brasil.